

208 - DESPOSITIVIZAÇÃO NOS MUNDOS VIVENCIAIS DO PEQUENO AGRICULTOR E DO EXTENSIONISTA RURAL

Ari Paulo Jantsch¹.

RESUMO

O autor defende a despositivização do pensamento, da racionalidade educativa e da relação trabalho-educação nos mundos vivenciais (uno-diversos) do pequeno agricultor e do extensionista rural. Nesse sentido, a articulação radical/crítica dos conceitos de complexidade, interdisciplinaridade, comunicação e qualidade biológica superior constitui a despositivização necessária à tríade Homem-Trabalho-Natureza.

Palavras-chave: **pequeno agricultor, extensionista rural, despositivização, complexidade, interdisciplinaridade, qualidade biológica superior, comunicação.**

INTRODUÇÃO

O atual contexto brasileiro permite visualizar que os mundos vivenciais do extensionista rural e do pequeno agricultor são marcados, ainda, pela positivização do pensamento que apreende e reflete a relação homem-natureza mediante o trabalho, o que constitui **problema** para a afirmação da agroecologia, bem como da racionalidade educativa também despositivizada. Por outro lado, a noção de mundos de vivência desautoriza qualquer pretensão de verdade única, de paradigma totalitário e de racionalidade fechada. Nesse sentido teorizamos a despositivização em questão.

DESENVOLVIMENTO

Em se tratando de dois mundos que guardam uma convivência marcada pela alteridade, a comunicação passa a ser um elemento central no encontro educativo entre o pequeno agricultor e o extensionista rural. Trata-se de uma comunicação com a marca do diálogo instituinte de um espaço-tempo onde os diferentes sujeitos possam qualificar o seu mundo de vivência específico e o mundo de vivência diferente. Portanto, a práxis despositivizada põe-se para além da linguagem e conteúdo próprios dos modernos pacotes científico-tecnológicos (unidirecionais). Face aos atuais avanços científico-tecnológicos, redimensionamento do tempo-espço, reconfiguração dos territórios-cenários, a complexidade também se torna conceito fundamental. Se a agenda mundial

¹ Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Reside na Rua Marcus Aurélio Homem, 327, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-440. E-mail: apjantsch@terra.com.br Telefone: 0XX48-234.7430.

pró inteireza do meio ambiente tem dificuldades de afirmação, o mesmo não acontece no mundo do pequeno agricultor que já não pode mais produzir sem um diálogo preñado de razão aberta pelo menos com a mãe natureza (**Gaia**). Assim, a práxis dos pequenos agricultores e dos extensionistas rurais, ao centrar a racionalidade educativa despositivizada (envolvendo o conhecimento e a natureza) precisa levar em conta as razões de várias disciplinas/campos de conhecimento e assumir uma **racionalidade em aberto**, de maneira tal que possa levar em conta as mais diversas contribuições da comunidade científica. A racionalidade em aberto impõe-se na medida em que o diálogo com gaia instiga também para além de um olhar interdisciplinar (dos pacotes científico-tecnológicos), porquanto tal olhar não necessariamente afirma a despositivização implicada pelo conceito **ecologia** em sua total extensão. Tal racionalidade obriga a uma abertura de modo que as diferentes disciplinas não apenas se ponham no nosso cenário de educação/trabalho rural, mas se ponham criticamente. Quando se trata da relação homem-natureza mediante o trabalho, no espaço-tempo do pequeno agricultor e sob a perspectiva ecológica, não há como avançarmos sem a teorização em torno da complexidade, bem como da crítica à positividade do conceito de interdisciplinaridade.

Não raras vezes interdisciplinaridade e complexidade figuram sem a devida explicitação conceitual e, contrariamente ao desejado por muitos, acabam não significando ruptura da cultura positivizada. É o caso dos pacotes científico-tecnológicos voltados à produção agrícola, especialmente quando são pacotes elaborados por agroindústrias e/ou por extensionistas comprometidos com os fundamentos ou o paradigma da "revolução verde". O problema, no nosso caso, não é propriamente a existência de paradigmas em confronto, mas a adesão a possíveis paradigmas simplificadores, de modo a expulsar a complexidade do imaginário daqueles que atuam junto à natureza, enquanto tal, complexa. Isso se potencializa na medida em que, segundo Morin (1981, p. 31), "o paradigma da simplificação não permite pensar a unidade na diversidade ou a diversidade na unidade".

A reflexão interdisciplinar supõe, dentre outros, a diferença afirmada no debate filosófico-científico e nas práxis em questão no presente trabalho. Assim sendo, assumimos a conceituação de Etges (1993, p. 18), expressa da seguinte forma:

A interdisciplinaridade, enquanto princípio mediador de comunicação entre as diferentes disciplinas, não poderá jamais ser elemento de redução a denominador comum, mas elemento teórico-metodológico da diferença e da criatividade. A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites,

mas, acima de tudo, é o **princípio da diversidade e da criatividade** (grifo nosso).

Assim assumida, a interdisciplinaridade passa a ser central para um trabalho de extensão junto aos pequenos agricultores. Ela permite a um agrônomo ou a um veterinário ao fazer-se presente entre os pequenos agricultores, perceber a presença do paradigma da determinação em seus construtos, o absurdo de muitas proposições complicadas (não complexas), a incompletude de seu sistema de proposições teórico-metodológicas etc. No caso de um agrônomo, por exemplo, que, em função dos constantes avanços das ciências biológicas e ante a afirmação progressiva, mas inexorável, do paradigma da (agro)ecologia, precisa continuar a sua formação durante toda a carreira e confrontar-se também durante toda a sua carreira com o mundo vivencial específico dos agricultores. O estranhamento próprio da interdisciplinaridade, assim, permite uma constante comunicação entre mundos vivenciais distintos e permite uma avaliação crítica de cada mundo vivencial. O extensionista, assim, leva os seus conhecimentos acadêmicos ao pequeno agricultor e encontra nele a diferença necessária para poder, enfim, realizar a crítica das suas próprias certezas e/ou convicções acadêmicas, muitas vezes idealizadas em um pacote “perfeito” de conhecimentos científico-tecnológicos de caráter interdisciplinar. Por outro lado, o pequeno agricultor, baseado na tradição e/ou no receituário pragmático e impositivo dos extensionistas agroindustriais capitalistas, consegue visualizar melhor os seus equívocos e acertos na práxis produtiva agrícola e, inclusive, desmascarar a “perfeição”, tanto da tradição quanto dos pacotes científico-tecnológicos recebidos. O problema, no entanto, está no fato cultural de se buscar, reiteradamente, uma unidade indivisa, uma totalidade não contraditória, uma relação trabalho-educação sem a crítica radical instituinte da despositivização etc. O estranhamento interdisciplinar e a complexidade do real em sua radicalidade são como que exigências imanentes aos dois mundos vivenciais.

CONCLUSÕES

Sem a articulação radical e/ou crítica dos quatro conceitos mencionados, o pequeno agricultor e o extensionista rural dificilmente afirmam a racionalidade educativa despositivizada sob os princípios da **diversidade** e da **criatividade**. Dissolve-se, pois, sem mais nem menos qualquer ato criador que signifique, especialmente, espaço-tempo loco-regional e diversidade sob a perspectiva da autonomia. A extensão rural, assim, somente ganha sentido na medida em que se ponha como um amplo e qualificado

processo de comunicação aberta entre saberes, disciplinas, sujeitos institucionais e pessoais de modo a realizar, através do trabalho, tanto o homem quanto a natureza.

Face ao dito neste trabalho e ao tema do evento - **soberania alimentar** - torna-se política e epistemicamente acertado afirmar o conceito de **qualidade biológica superior**, que se confronta com a noção e os critérios da "qualidade total". A qualidade biológica superior implica a superação do paradigma do imediatismo-determinismo-insumos e, portanto, da práxis positivizada na relação trabalho-educação no meio rural. A despositivização implica, por sua vez, a crítica aos defensores do mercado enquanto um ente "inteligente" que estabelece "sabiamente" a qualidade dos alimentos. O mercado sob concepção (neo)liberal, assim, perde a centralidade na definição da qualidade dos alimentos. Os construtos da biologia comprometida tanto com a potencialização da natureza quanto com a potencialização da sociedade - na perspectiva dos princípios da complexidade e da interdisciplinaridade, por outro lado, estabelecem os critérios da qualidade. Em outras palavras, o paradigma (agro)ecológico assume, na expressão "qualidade biológica superior", um conceito de natureza que rompe com o pragmatismo (utilitarista) presente nos pacotes científico-tecnológicos das grandes agroindústrias capitalistas e nas propagandas destinadas a estimular o consumo massivo de alimentos "cientificamente" elaborados. A lógica positivizada do progresso desenfreado e a qualquer custo, comprometedor do homem e da natureza, fica estilhaçada de modo tal que qualquer insistência na direção do paradigma do imediatismo-determinismo-insumos toma a pecha de **irracional**. Sem maior necessidade de buscas empíricas – eis que as evidências são contundentes tanto nos espaços regionais quanto no espaço global – podemos dizer que trata-se de uma irracionalidade capaz de levar o mundo à explosão e implosão.

LITERATURA CITADA

ETGES, N. J. Produção do conhecimento e interdisciplinaridade. *Caderno RUMOS*, Brasília, n. 8, 1993.

MORIN, E. *O problema epistemológico da complexidade*. Rio de Janeiro: Europa-América, 1981.